

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2012

VOLUME I

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA**PROFESSOR PDE 2012**

Título	Crônica e Humor
Autora	Aparecida Vieira Remes
Escola de Atuação	Colégio Estadual José de Anchieta – Ensino Médio
Município da escola	Borrazópolis
Núcleo Regional de Educação	Apucarana
Orientadora	Lídia Maria Gonçalves
Instituição de Ensino Superior	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Área de Conhecimento	Língua Portuguesa
Produção Didático-Pedagógica	Unidade Didática intitulada Crônica e Humor
Relação Interdisciplinar	Todas as disciplinas do Currículo
Público Alvo	Alunos da 3ª série do Ensino Médio
Localização	Colégio Estadual José de Anchieta – Ensino Médio Avenida Brasil, 1001- Centro - Borrazópolis/PR

APRESENTAÇÃO

Este caderno temático tem a intenção de orientar o aluno na instigante atividade de leitura. Ninguém melhor que o professor para conduzir o aluno no mundo das letras. Além de mediador, cabe, também, ao professor convocar o aluno a realizar leituras reflexivas e significativas, para que a leitura, seja de fato, vivenciada pelo leitor (aluno).

O desafio é fazer com que a leitura deixe de ser uma atividade difícil, feita por obrigação escolar, passando a ser vista como um processo dialógico/interlocutivo, baseado no conhecimento de mundo e na vivência sócio-cultural do leitor, fomentando neste o perfil de sujeito ativo e crítico.

O que se propõe, é a descoberta de um maravilhoso mundo, o mundo da leitura, por meio de textos curtos, divertidos, contendo temas atuais e polêmicos. O gênero utilizado é a crônica, ela aborda aspectos da vida social e cotidiana, ao apresentar fatos reais ou fictícios. Esse gênero textual está presente tanto na esfera jornalística como na literária e visa encantar, emocionar, sensibilizar, enfim, mexer com o ser humano. Dessa forma, pode ser um instrumento para impulsionar o hábito da leitura e, conseqüentemente, desencadear processos que contribuam para a ampliação de conhecimentos referentes à norma culta da língua.

Por meio das atividades propostas, espera-se que, ao final do processo, alunos do 3º ano do Ensino Médio tenham sido seduzidos para a prática da leitura de textos do gênero crônica, e, a partir disso, possam ser conduzidos à leitura de variados suportes textuais.

Palavras-chave: Crônica; humor; formação de leitores.

INTRODUÇÃO

Esta produção didático-pedagógica é destinada aos alunos do 3º ano do nível médio da educação básica do Colégio Estadual José de Anchieta – Ensino Médio; tem como finalidade contribuir para o trabalho docente, visa mais precisamente, a melhoria da capacidade de leitura compreensiva e interpretativa como também impulsionar o gosto por ler entre os alunos. Nos critérios para a seleção de atividades, observamos expectativas de aprendizagem, conforme o contido nos Documentos de Orientação Curriculares.

As Diretrizes Curriculares Estaduais (2008, p.56) reportam à leitura como sendo “um ato dialógico, interlocutivo que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento.” Afinal, ao ler, o indivíduo busca ampliar as suas experiências e rever os seus conhecimentos prévios. Assim também as atividades de leitura na escola devem conduzi-lo a reavaliar a informação à luz de sua formação familiar, religiosa, cultural, para enriquecer-se com as várias vozes que o constituem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1998, p.69) orientam: “a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc.” Acatamos essa concepção, reconhecemos a importância da leitura realizar-se sob este prisma durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Mas é considerável a complexidade deste trabalho, é um desafio efetivarmos tal prática no espaço da sala de aula. Portanto, compete-nos a procura de alternativas, a fim de proporcionarmos ao aluno um meio que o leve a refletir sobre a importância da leitura como instrumento fundamental para a sua aprendizagem, uma vez que é por intermédio dela que temos melhores possibilidades de enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e ampliar a nossa interpretação acerca dos fatos.

Em sua fala sobre a importância do ato de ler, Freire (2005, p.11) ensina: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.”

Nesta perspectiva, para a realização deste trabalho de leitura em sala de aula, selecionamos o gênero crônica para impulsionar o perfil de leitor. Trata-se de um gênero textual que costuma provocar o encantamento e a emoção dos seus leitores, pois o humor (presente em textos desse gênero discursivo) ensina enquanto diverte, podendo despertar o gosto pelo texto. E, a partir dele, o educador deve acompanhar o aluno leitor no ato de refletir sobre a crônica humorística, observar o dito e o modo de dizer, desenvolvendo uma atividade geradora de descobertas sobre a vida e a linguagem humana.

De acordo com Geraldi (1991), leitura é um processo de interlocução entre leitor e autor, mediado pelo texto: “é o encontro com o seu autor ausente que se dá pela sua palavra escrita”. O leitor, neste processo, reconstrói o texto com sua leitura, atribuindo a ele a sua significação, baseada em suas leituras anteriores e em suas experiências de vida.

As Diretrizes Curriculares Estaduais (2008) estabelecem que, para o encaminhamento da prática da leitura, é relevante que o professor realize atividades que propiciem a reflexão e discussão; tendo em vista o gênero a ser lido, devemos explorar o conteúdo temático, a finalidade discursiva, os possíveis interlocutores, as vozes presentes no discurso e o papel social que elas representam, as ideologias apresentadas no texto, a fonte, os argumentos elaborados e a intertextualidade.

Objetivando atividades de interpretação e compreensão de textos, reconhecemos ser necessário analisar os conhecimentos de mundo do aluno, os conhecimentos linguísticos, o conhecimento da situação comunicativa dos interlocutores envolvidos, dos gêneros e suas esferas, do suporte em que o gênero está publicado, de outros textos (intertextualidade). É preciso ter em mente, ainda, que “o grau de familiaridade do leitor com o conteúdo veiculado pelo texto interfere, também, no modo de realizar a leitura” (ANTUNES, 2003, p.77).

As DCEs (2008) citam que, na sala de aula e nos outros espaços de encontro com os alunos, o professor de Língua Portuguesa e Literatura tem o papel de promover o amadurecimento do domínio discursivo da oralidade, da leitura e da escrita, para que os estudantes compreendam as relações de poder com seus próprios pontos de vista. Desse modo, promovemos a emancipação e a autonomia em relação ao pensamento e capacitamos para as práticas de linguagem imprescindíveis ao convívio social. Esse domínio das práticas discursivas

instrumentaliza o aluno para (re)elaborar sua visão de mundo e ter voz na sociedade.

Ainda segundo as DCEs (2008), ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diversas esferas sociais: jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, entre outras.

Antunes (2003) salienta que, conforme variem os gêneros (reportagem, propaganda, poemas, crônicas, história em quadrinhos, entrevistas, *blog...*), conforme variem a finalidade pretendida com a leitura (leitura informativa, instrumental, entretenimento...), e ainda, conforme variem o suporte (jornal, televisão, revista, livro, computador...), variam também as estratégias a serem usadas.

Não se lê da mesma forma uma crônica que está divulgada no suporte de um jornal e uma crônica publicada em um livro, tendo em vista a finalidade de cada uma delas. Na crônica do jornal, é importante considerar a data da publicação, a fonte, os acontecimentos dessa data, o diálogo entre a crônica e as outras notícias veiculadas nesse suporte. Por sua vez, a leitura da crônica no livro representa a busca pelo registro literário do cotidiano, independente dos interesses deste ou daquele jornal.

A Língua Portuguesa será trabalhada, na sala de aula, a partir da linguagem em uso, que é a dimensão dada pelo Conteúdo Estruturante. Assim, o trabalho com a disciplina considerará os gêneros discursivos que circulam socialmente, com especial atenção àqueles de maior exigência na sua elaboração formal, com ênfase no gênero crônica humorística.

Os membros da sociedade interagem por meio de gêneros textuais. Bakhtin (2000, p. 279) expõe que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Na abordagem do gênero será considerado o tema, a forma composicional e o estilo. Ao trabalhar com o tema selecionado (o humor), o aluno será orientado a fazer uma análise crítica do conteúdo do texto e perceber seu valor ideológico do discurso. A forma composicional do gênero será analisada pelos alunos no intuito de compreenderem algumas especificidades e similaridades das relações sociais numa dada esfera comunicativa. Para essa análise é preciso considerar o interlocutor do texto, a situação de produção, a finalidade, entre outros aspectos.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O encaminhamento das atividades desta unidade didática consistirá na contextualização do gênero crônica, por meio de conversa informal, os alunos levantarão hipóteses, sobre os textos a serem lidos. Queremos manter espaço aberto para a discussão, que haja debate em sala de aula.

- ✓ Os questionamentos terão a seguinte linha:
- ✓ Sabe o que é uma crônica?
- ✓ Já leu uma crônica?
- ✓ Onde as crônicas são veiculadas?
- ✓ Saberá citar o nome de um cronista? Qual?
- ✓ O que você percebe de diferente (características) no gênero crônica em relação a outros gêneros?
- ✓ Quem seria o público leitor desse gênero?
- ✓ Por que ler crônicas?

Em seguida, abordaremos o contexto sócio-histórico do gênero crônica: como surgiu, onde surgiu, em qual momento histórico e a evolução do gênero através do tempo até os dias atuais. Na sequência, observaremos a tipologia, ou seja, os diferentes tipos de crônica veiculadas em livros, jornais e revistas, para analisarmos as características do gênero crônica. Para este momento, levaremos para a sala jornais, revistas e livros contendo crônicas, para que os alunos possam manusear os suportes, ler os textos e perceber que a crônica é veiculada socialmente e não é um texto limitado a finalidades escolares. Comentaremos que as histórias escritas na crônica podem ter acontecido com qualquer pessoa, até mesmo com ele (aluno) ou alguém do seu convívio familiar social. Mesmo se não forem baseadas em fatos verídicos, possuem verossimilhança. Durante a implantação do projeto Crônica e Humor, faremos um trabalho de conscientização sobre a importância do ato de ler. Verão que a leitura é uma experiência vivida pelo puro prazer, de forma livre, solta, descontraída, sem preenchimento de fichas de leitura ou questionários, sem “aquelas cobranças escolares” (que visa apenas a prova ou o vestibular). E, também no ambiente escolar, a leitura por prazer leva à fruição, que, por sua vez, favorece o questionamento, a interpretação e ao conhecimento. A leitura do gênero crônica será o centro do nosso projeto, nele também serão contemplados outros gêneros textuais.

É importante ressaltar que o processo da leitura terá como foco temas que sejam do interesse do aluno, assuntos que estejam em evidência para que possam oportunizar uma leitura reflexiva e significativa, tornando-o um ser mais crítico e criativo e, assim, um cidadão melhor preparado para participar da comunidade, porque sua sensibilidade está despertada.

Para dar suporte a elaboração das atividades deste caderno temático, buscamos nos apoiar nas afirmações de Solé (1998), sobre a formação de leitores mais críticos por meio de uma prática pedagógica que torne o ensino e a aprendizagem da leitura mais significativa ao educando e, dessa maneira, queremos contribuir de modo efetivo para a melhoria da nossa prática docente e de colegas que se unirem a esta proposta.

Quando a leitura passa a ser significativa, ela nos faz refletir e entender melhor o mundo e o que se passa no nosso interior. É a partir daí que a leitura pode se tornar um hábito e levar a novas descobertas, tornando-se o maior “barato”, uma verdadeira “curtição”. A leitura do gênero crônica é o instrumento escolhido para a realização dessa tarefa. Será realizada a leitura de diferentes crônicas de vários autores contemporâneos, todos abordando temas atuais e polêmicos.

Os alunos farão pesquisa na internet sobre o gênero crônica e confeccionarão cartazes, contendo as principais características do gênero crônica, para a exposição em sala. Serão divididos em cinco pequenos grupos e cada grupo ficará encarregado de apresentar por escrito e oralmente a biografia de um cronista, a saber: Stanislaw Ponte Preta, Millôr Fernandes, Fernando Sabino, Moacyr Scliar, Luís Fernando Veríssimo. Cada leitura da obra será acompanhada da biografia do autor para conhecer as características do autor e, mostrar o momento em que a crônica foi produzida, o que contribuirá para a melhor compreensão do discurso.

Ao abrir espaço para discussões, levaremos em conta o conhecimento prévio do aluno sobre o assunto abordado na crônica de humor e também o seu conhecimento de mundo. Assim, haverá interrupção da leitura, sempre que for necessário e, ainda em momentos importantes e específicos e que se apresentem adequados para, de acordo com Solé (1998), recapitular, fazer previsões, hipóteses e, posteriormente conferi-las.

Durante o desenvolvimento do projeto, será realizada uma palestra sobre a importância da leitura com profissional especializado na área. Os alunos

confeccionarão propagandas das crônicas lidas, convidando outras turmas à leitura. Também faremos a criação do Banco Literário por intermédio de folhetos com crônicas espalhados estrategicamente em bancos, pátio, corredor e praças escolares para captar a curiosidade leitora dos alunos. Esse material será acompanhado da mensagem “PASSE ADIANTE”.

Faremos a leitura de Crônicas em programas de rádio da cidade, como as Rádios Colina do Vale (FM) e Nova Era (AM). A partir da leitura de crônicas orientaremos a produção de Charges e crônicas sobre assuntos do dia a dia do aluno. Será feita a postagem dessas produções na internet. Elaboraremos um blog para este fim.

Iremos explorar o assunto das crônicas também em outros textos (charges, músicas, provérbios) e levar a dramatização e criação de um vídeo sobre uma crônica escolhida pelo grupo de estudantes.

Os materiais utilizados serão impressos em papel sulfite. As crônicas literárias presentes no livro didático adotado também serão trabalhadas. Jornais, revistas e livros serão objetos de leitura. Os alunos terão frequente contato com os meios pelos quais as crônicas são veiculadas socialmente.

CRONOGRAMA

As ações de implementação deste material didático-pedagógico serão desenvolvidas no período de fevereiro a agosto de 2013 a saber:

- ✓ Fevereiro – 1.1 - 1.2 – 1.3 – 2.1 – 2.2
- ✓ Março – 3.1 - 3.2 – 3.3 – 4.1 – 4.2
- ✓ Abril – 5.1 – 5.2 – 6.1 – 6.2
- ✓ Maio – 7.1 – 7.2 – 7.3 – 8.1 – 8.2
- ✓ Junho- 9.1 – 9.2 – 9.3 – 9.4
- ✓ Julho – 10.1 – 10.2- 10.3 – 10.4 – 10.5
- ✓ Agosto – 11.1- 11.2 – 11.3 – 11.4 – 11.5 e 11.6

UNIDADE TEMÁTICA

Esta unidade temática iniciar-se-á com a apresentação e leitura da crônica Inferno Nacional, de Stanislaw Ponte Preta. Terá como principal objetivo fazer com que o aluno se familiarize com o gênero crônica. A leitura deverá ser feita com entusiasmo, assumindo o papel de leitor (entonação, pausas, ritmos, dicção, postura). O professor deve estabelecer finalidades para a leitura e abrir espaço para os questionamentos, instigar o debate. E, assim, levar o aluno a envolver-se com o enredo, levantar hipóteses, fazer inferências e posicionar-se diante das ideias do autor da crônica.

1.1 – LEITURA

Inferno nacional – Stanislaw Ponte Preta

A história abaixo transcrita surgiu no folclore de Belo Horizonte e foi contada lá, numa versão política. Não é o nosso caso. Vai contado aqui no seu mais puro estilo folclórico, sem maiores rodeios.

Diz que era uma vez um camarada que abotoou o paletó. Ao morrer nem conversou: foi direto para o inferno. Em lá chegando, pediu audiência a Satanás e perguntou:

- Qual é o lance aqui?

Satanás explicou que o inferno estava dividido em diversos departamentos, cada um administrado por um país, mas o falecido não precisava ficar no departamento administrado pelo seu país de origem. Podia ficar no departamento do país que escolhesse. Ele agradeceu muito e disse a Satanás que ia dar uma voltinha para escolher o seu departamento.

Está claro que saiu do gabinete do Diabo e foi logo para o departamento dos Estados Unidos, achando que lá devia ser mais organizado o inferninho que lhe caberia para toda a eternidade. Entrou no departamento dos Estados Unidos e perguntou como era o regime.

- Quinhentas chibatadas pela manhã, depois passar duas horas num forno de 200 graus. Na parte da tarde: ficar numa geladeira de 100 graus abaixo de zero até às três horas, e voltar ao forno de 200 graus.

O falecido ficou besta e tratou de cair fora, em busca de um departamento menos rigoroso. Esteve no da Rússia, no do Japão, no da França, mas tudo a mesma coisa. Foi aí que lhe informaram que tudo era igual: a divisão em departamento era apenas para facilitar o serviço do inferno, mas em todo o lugar o regime era o mesmo: quinhentas chibatadas pela manhã, forno de 200 graus durante o dia e geladeira de 100 graus abaixo de zero, pela tarde.

O falecido já caminhava desconsolado por uma rua infernal, quando viu um departamento escrito na porta: Brasil. E notou que a fila era maior do que a dos outros departamentos. Pensou com suas chaminhas: “aqui tem peixe por debaixo do angu”. Entrou na fila e começou a chatear o camarada da frente, perguntando por que a fila era maior e os enfileirados menos tristes. O camarada da frente fingia que não ouvia, mas ele tanto insistiu que o outro com medo de chamar atenção, disse baixinho:

- Fica na moita, e não espalha não. O forno daqui está quebrado e a geladeira anda meio enguiçada. Não dá mais de 35 graus por dia.

- E as quinhentas chibatadas? – perguntou o falecido.

- Ah... o sujeito encarregado desse serviço vem aqui de manhã, assina o ponto e cai fora.

Fonte: <http://www.casadobrujo.com.br/poesia/s/sergio22.htm> Acesso em

23/07/2012.

1.2 – EXERCITANDO-SE: Pesquisar a biografia do autor e dados sobre o momento histórico em que a crônica foi produzida.

1.3 – TROCANDO IDEIAS:

- ✓ O que o título sugere?
- ✓ Por que o título chama a atenção do leitor?
- ✓ A linguagem utilizada na crônica é formal ou informal? Cite exemplos.
- ✓ Qual intenção do autor?
- ✓ O narrador participa dos fatos?
- ✓ Quem é o enunciador?
- ✓ Quem é o destinatário? Qual é o público alvo desta crônica?
- ✓ A crônica, de cunho político, faz uma crítica ao funcionalismo público que oferece um serviço deficitário à população. O que é público, no Brasil, nem sempre funciona. Você também participa dessa opinião?
- ✓ Crie um pequeno texto sobre o serviço público ofertado no Brasil, pode ser uma piada, uma charge, uma notícia, você escolhe o gênero textual.

2.1 – LEITURA

L.I.V.R.O - Millôr Fernandes

L.I.V.R.O. representa um avanço fantástico na tecnologia. Não tem fios, circuitos elétricos, pilhas. Não necessita ser conectado a nada nem ligado. É tão fácil de usar que até uma criança pode operá-lo. Basta abri-lo!

Cada **L.I.V.R.O.** é formado por uma sequência de páginas numeradas, feitas de papel reciclável e capazes de conter milhares de informações. As páginas são unidas por um sistema chamado lombada, que as mantém automaticamente em sua sequência correta.

Através do uso intensivo do recurso TPA - Tecnologia do Papel Opaco - permite-se que os fabricantes usem as duas faces da folha de papel. Isso possibilita duplicar a quantidade de dados inseridos e reduzir os seus custos pela metade!

Especialistas dividem-se quanto aos projetos de expansão da inserção de dados em cada unidade. É que, para se fazer **L.I.V.R.O.s** com mais informações, basta se usar mais páginas. Isso, porém, os torna mais grossos e mais difíceis de serem transportados, atraindo críticas dos adeptos da portabilidade do sistema.

Cada página do **L.I.V.R.O.** deve ser escaneada opticamente, e as informações transferidas diretamente para a CPU do usuário, em seu cérebro. Lembramos que quanto maior e mais complexa a informação a ser transmitida, maior deverá ser a capacidade de processamento do usuário.

Outra vantagem do sistema é que, quando em uso, um simples movimento de dedo permite o acesso instantâneo à próxima página. **O L.I.V.R.O.** pode ser rapidamente retomado a qualquer momento, bastando abri-lo. Ele nunca apresenta "ERRO GERAL DE PROTEÇÃO", nem precisa ser reinicializado, embora se torne inutilizável caso caia no mar, por exemplo.

O comando "browse" permite fazer o acesso a qualquer página instantaneamente e avançar ou retroceder com muita facilidade. A maioria dos modelos à venda já vem com o equipamento "índice" instalado, o qual indica a localização exata de grupos de dados selecionados.

Um acessório opcional, o marca-páginas, permite que você faça um acesso ao **L.I.V.R.O.** exatamente no local em que o deixou na última utilização mesmo que ele esteja fechado. A compatibilidade dos marcadores de página é total, permitindo que funcionem em qualquer modelo ou marca de **L.I.V.R.O.** sem necessidade de configuração.

Além disso, qualquer **L.I.V.R.O.** suporta o uso simultâneo de vários marcadores de página, caso seu usuário deseje manter selecionados vários trechos ao mesmo tempo. A capacidade máxima para uso de marcadores coincide com o número de páginas.

Pode-se ainda personalizar o conteúdo do **L.I.V.R.O.** através de anotações em suas margens. Para isso, deve-se utilizar um periférico de Linguagem Apagável Portátil de Intercomunicação Simplificada - L.A.P.I.S. Portátil, durável e barato, o **L.I.V.R.O.** vem sendo apontado como o instrumento de entretenimento e cultura do futuro. Milhares de programadores desse sistema já disponibilizaram vários títulos e upgrades utilizando a plataforma **L.I.V.R.O.**

Fonte: http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materiais.php?cd_materiais=3689
Acesso em 13/05/2012.

2.2 – REFLEXÃO E TROCA DE OPINIÕES SOBRE O TEMA.

3.1 – LEITURA

O Homem Nu – Fernando Sabino

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que

sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

Fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/NiA1OTAy/> Acesso em 05/05/2012.

3.2 – EXPLORANDO O TEMA:

- ✓ O título dado pelo autor chama a atenção do leitor? Por quê?
- ✓ O que sugere o título?
- ✓ Como é a linguagem utilizada pelo autor?
- ✓ O narrador participa dos fatos ou só conta o acontecido?
- ✓ Os personagens são pessoas comuns? Justifique.
- ✓ Qual é o objetivo do texto produzido?
- ✓ Onde é possível encontrar essa crônica?
- ✓ Que acordo o personagem principal faz com a sua mulher?
- ✓ Qual fato gerou o conflito?
- ✓ Por que a esposa não abriu a porta para seu esposo?
- ✓ O que dá um tom humorístico à crônica?
- ✓ Por que o personagem principal acaba abrindo a porta para o cobrador, depois de ter passado tantos apuros para evitá-lo?

3.3 – PRODUÇÃO ESCRITA:

Após leitura e apreciação do texto, cabe ao professor aproveitar o momento para mostrar ao aluno que o gênero crônica retrata fatos que envolvem pessoas comuns. O homem nu – de Fernando Sabino – mostra o desespero, o estado emocional de um personagem diante de uma situação embaraçosa.

Elabore uma crônica relatando uma situação embaraçosa (como a do personagem) vivida por você. Use a sua criatividade.

4.1 – LEITURA

Os terroristas – Moacyr Scliar

Era um professor duro, exigente e implacável. As provas eram feitas sem aviso prévio. Todos os trabalhos valiam nota e eram corrigidos segundo os critérios mais rigorosos. Resultado: no fim do ano quase todos os alunos estavam à beira da reprovação. As notas, que ele anotava cuidadosamente ao livro de chamada, eram as mais baixas possíveis.

O que fazer? Reuniam-se todos os dias em frente ao colégio para discutir a situação, mas nada lhes ocorria. Até que um deles teve uma ideia brilhante.

O livro de chamada. A solução estava ali: tinham de se apossar do livro de chamada e mudar as notas. Um 0 podia ser transformado em 8. Um 1 poderia virar 7(ou 10, dependendo do grau de ambição).

O problema era pegar o livro, que o professor não largava nunca – nem mesmo para ir ao banheiro. Aparentemente, só uma catástrofe poderia separá-los.

Recorreram, pois, à catástrofe. Um dos alunos telefonou do orelhão em frente ao colégio, avisando que havia um princípio de incêndio na casa do professor. Avisado, o pobre homem saiu correndo da sala de aula – deixando sobre a mesa o famigerado livro de presença.

Acrediteis se eu disser que ninguém tocou no livro? Ninguém tocou no livro. Os rapazes se olharam, mas nenhum deles tomou a iniciativa de mudar as notas. Às vezes a consciência pesa mais que a ameaça de reprovação.

Fonte: SCLIAR, Moacyr. Um país chamado infância. São Paulo: Ática, 1995.

4.2 – ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO

1 – A ideia básica do texto é:

- () provar que o professor cuidava muito bem do livro de chamada.
- () mostrar o quanto o professor era exigente com seus alunos.
- () provar que os alunos eram muito exigentes e críticos.
- () mostrar que sempre há desavença entre aluno e professor.
- () provar que a noção de certo e de errado é muito forte.

2 – Assinale o provérbio que sintetiza a conclusão do texto:

- () Quem fala demais, dá bom dia a cavalo.
- () Dizer é fácil; fazer é que são elas.
- () A união faz a força.
- () Quem avisa, amigo é.
- () Onde há fumaça, há fogo.

3 – Por que, na sua opinião, na hora de agir, ninguém teve coragem de executar o plano?

4- Desenvolva a crônica, continue o texto, produzindo mais dois parágrafos: um de desenvolvimento e o outro conclusivo.

5- Formem grupos de trabalho. Cada aluno expõe para o seu grupo a sua narrativa continuada. Cada equipe escolhe uma narrativa para ser lida para toda a classe. E, a seguir, vocês elegem uma produção para ser divulgada no blog da turma.

5.1 – LEITURA

O Amigo Secreto – Moacyr Scliar

Amigo Secreto, que grande ideia. Permite que a eventual modéstia do presente que se dá ou recebe fique oculta pelo piedoso véu do anonimato. (...)

Há um pequeno problema com o presente que se recebe do amigo secreto. É que não dá para trocar. Se é um livro que já temos, ou uma gravata medonha, ou um cinto que dá duas voltas a volta à nossa cintura, não importa: é nosso, teremos de ficar com o presente. “Pessoal, quem me deu essa coisa horrorosa? Forneça-me a nota, por favor, que eu quero trocar.” É possível? Não, não é possível. Cara-de-pau tem limite, mesmo – e sobretudo – nas festas natalinas. Ficamos, sim, com o presente. Amigo é pra essas coisas. Sobretudo amigo secreto.

Existe uma alternativa, porém. É passar a coisa adiante. O que já gerou mais de uma história curiosa.

Na festa do escritório, Pedro ganhou um presente do amigo secreto. O embrulho era muito bonito, mas ele seguro de que não gostaria: tinha muito azar nessas coisas.

Não deu outra. Era um porta-retratos, mas medonho, uma coisa kitsch, pintada de um vermelho ofensivo. Na hora, ele ocultou a decepção: mostrou o porta-retratos aos colegas, disse que era exatamente aquilo que estava esperando; mas, saiu decepcionado.

Não se deu por achado, contudo. Naquele mesmo dia tinha uma festa de amigo secreto no clube onde jogava futebol de salão. Refez, cuidadosamente, o embrulho, e colocou nele um cartãozinho, destinando-o a seu amigo secreto, o Evaldo.

Evaldo era um homem de fino gosto, mas não deixou de ficar chocado com o porta-retratos. Que coisa monstruosa, pensou. Mas, tal como Pedro, não revelou a sua contrariedade, fazendo, em público, um efusivo agradecimento. Ao sair do clube, pensou em jogar o porta-retratos fora; mas aí se lembrou que ainda tinha uma festa de amigo secreto, organizada pelos empregados da pequena firma de limpeza da qual era um dos proprietários. Seu, até certo ponto malévolo, raciocínio era de que para gente humilde qualquer porta-retratos escroto serve. Como Pedro, refez – com certa dificuldade, pois o papel prateado ameaçava rasgar – o embrulho e levou-o para a festa.

Estava cometendo um erro de cálculo. Por uma dessas ironias do destino, tão comuns em festas de fim de ano, o amigo que lhe cabia presentear era o seu próprio sócio. Quando se conta, era tarde demais; não dava nem tempo para correr no supermercado e comprar uma garrafa de uísque importado. De modo que Alberto, o sócio, acabou recebendo um porta-retratos. Achou um espanto, aquilo, mas agradeceu, etc.

A história poderia se prolongar indefinidamente, mas a vida humana é limitada e há um momento em que terminam as festas de amigo secreto. Alberto não tinha para quem dar o porta-retratos. Saiu da firma aborrecido, e pensando em terminar de vez a sociedade com o Evaldo: “Tenho certeza de que este canalha anda me sacaneando. Este presente é uma prova.”

la jogá-lo no lixo. Mas aí, enquanto abria a porta do carro, um garotinho se aproximou – bem cuidado, tio! – e Alberto instantaneamente descobriu o que fazer com o porta-retratos.

- Não tenho trocado, meu filho, mas aqui está um presente pra ti.

Entrou no carro e partiu. O garoto sentou na calçada, abriu o embrulho e – suave milagre – ficou deslumbrado com o que recebera. Um porta-retratos, que maravilha! E naquele momento mesmo decidiu: se um dia tirasse uma fotografia, ele a colocaria no porta-retratos vermelho.

Fonte: SCLIAR, Moacyr. Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar. Porto Alegre: Newtec, 1995.

5.2 – PRODUÇÃO DE UM INTERTEXTO

O texto acima relata o que acontece por trás de uma simples brincadeira de trocar presentes por ocasião do Natal. Um objeto foi passando de pessoa a pessoa e, na grande maioria das vezes, gerou decepção. Quando as palavras vão passando de boca em boca, elas podem ganhar outra força expressiva e gerar aborrecimentos.

Narre um episódio. O fato é: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Contextualize, conte a problematização e relate as consequências disso.

6.1 – LEITURA

Antes e Depois – Luís Fernando Veríssimo

Há os que passam todo o ano nas férias de todo o ano seguinte se recuperando delas - ou pensando em como pagá-las. Muitas vezes, mais importante do que as férias são o antes e o depois. Alguns se divertem tanto planejando suas férias que quase dispensam as férias. Outros veem férias apenas como um pretexto para fotografar tudo o que puderem com a maior rapidez possível e só depois, mostrando os slides para os amigos, enxergarem onde andaram.

- Aquele sou eu com a Magali.

- E aquilo no fundo?

- No fundo? É o Oceano Atlântico. Não, o Pacífico. Ou será o Atlântico?

O antes e o depois. Muitas vezes é grande o contraste entre o que se diz antes das férias e depois das férias.

Por exemplo:

Antes: "Vou chegar em casa, botar meu pijama e passar trinta dias de papo para o ar. Só me mexendo para coçar o pé. Uma bebidinha, um churrasquinho, e deixar o tempo passar..."

Depois: "Como o tempo custou a passar! O dia inteiro sem fazer nada. Saco. Briguei com a família, briguei com todo mundo. Depois de uma semana nem eu me aguentava dentro de casa. Ainda bem que acabou. E não me falem em churrasco durante um ano!"

Antes: "Está tudo minuciosamente planejado. Reservas de hotel, conexões de voos, fusos horários, tudo. Vai funcionar como um relógio".

Depois: "Como se não bastasse o extravio das duas malas que foram parar no Sri Lanka, o hotel que a agência nos reservou em Londres não existe mais. Agora é um parque de estacionamento. E por que ninguém me disse que na Europa é 4 horas mais tarde, não mais cedo? Passei uma semana jantando ao meio-dia e tomando café da manhã às 10 da noite. No mais foi tudo bem. Fora a perda dos passaportes e o assalto em Palermo".

Antes: "Vai ser sensacional rever a tia Idalina e os primos de Vitória depois de dez anos!"

Depois: "A tia Idalina ainda vá, mas o marido... Depois de dois dias nem podíamos nos olhar. E o desgraçado ainda recortava os artigos do Delfim. E os primos? Estão uns monstros! A mais velha, inclusive, é sadomasoquista".

Antes: "Ah! A praia, o mar, o sol..."

Depois: "Bicho-de-pé, queimaduras generalizadas, intoxicação alimentar, o Júnior quase se afogou duas vezes... E os preços!"

Antes: "Vamos pegar o carro e sair por aí, sem rumo".

Depois: "Quebrar o carro não foi nada. Pior foi ter que dormir três dias na casa de um caboclo maluco que dormia com uma mula chamada Doroti e dizia que era primo distante do diabo".

Antes: "Vamos acampar no mato. Um mês ao ar livre. Contato com a natureza. Isso é que é vida saudável!"

Depois: "Só para dar uma ideia: uma noite os mosquitos levantaram a Jandira do chão, com saco de dormir e tudo, e teriam levado ela para o mato se nós não tivéssemos segurado com força. Mas levaram a Kombi".

Antes: "Vou aproveitar para por em dia minha leitura.".

Depois: "Olha, comecei a ver Roda de Fogo, me interessei, acabei não lendo nada".

Antes: "Chego em Punta Del Este e vou direto para o cassino. Ganho uma bolada e pago todo o veraneio. Meu sistema não falha".

Depois: "Mande um dinheiro pt Sem tostão para pagar hotel e ameaçado prisão pt Urgente".

Fonte: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/1/antes.htm> Acesso em 12/07/2012.

6.2 – PRODUÇÃO COLETIVA

Uma parte da sala irá simular o antes e o depois de passar no vestibular.

Outra galera irá simular o antes e o depois de ser aprovado em concurso público.

Um outro grupo simula o antes e o depois do casamento.

Depois de produzidos os textos, iremos trocá-los entre as equipes para lapidarmos a expressão, ou seja, buscarmos a melhor forma de expressão. Feito essa revisão formal, vamos compartilhá-los no blog da turma.

7.1 – LEITURA

Tecnologia - Luís Fernando Veríssimo

Para começar, ele nos olha na cara. Não é como a máquina de escrever, que a gente olha de cima, com superioridade. Com ele é olho no olho ou tela no olho. Ele nos desafia. Parece estar dizendo: vamos lá, seu desprezível pré-eletrônico, mostre o que você sabe fazer. A máquina de escrever faz tudo que você manda, mesmo que seja a tapa. Com o computador é diferente. Você faz tudo que ele manda. Ou precisa fazer tudo ao modo dele, senão ele não aceita. Simplesmente ignora você. Mas se apenas ignorasse ainda seria suportável. Ele responde. Repreende. Corrige. Uma tela vazia, muda, nenhuma reação aos nossos comandos digitais, tudo bem. Quer dizer, você se sente como aquele cara que cantou a secretária eletrônica. É um vexame privado. Mas quando você o manda fazer alguma coisa, mas manda errado, ele diz “Errado”. Não diz “Burro”, mas está implícito. É pior, muito pior. Às vezes, quando a gente erra, ele faz “bip”. Assim, para todo mundo ouvir. Comecei a usar o computador na redação do jornal e volta e meia errava. E lá vinha ele: “Bip!” Olha aqui, pessoal: ele errou.” “O burro errou!” Outra coisa: ele é mais inteligente que você. Sabe muito mais coisa e não tem nenhum pudor em dizer que sabe. Esse negócio de que qualquer máquina só é tão inteligente quanto quem a usa não vale com ele. Está subentendido, nas suas relações com o computador, que você jamais aproveitará metade das coisas que ele tem para oferecer. Que ele só desenvolverá todo o seu potencial quando outro igual a ele o estiver programando. A máquina de escrever podia ter recursos que você nunca usaria, mas não tinha a mesma empáfia, o mesmo ar de quem só aguentava os humanos por falta de coisa melhor, no momento. E a máquina, mesmo nos seus instantes de maior impaciência conosco, jamais faria “bip” em público. Dito isto, é preciso dizer também que quem provou pela primeira vez suas letrinhas dificilmente voltará à máquina de escrever sem a sensação de que está desembarcando de uma Mercedes e voltando à carroça. Está certo, jamais teremos com ele a mesma confortável cumplicidade que tínhamos com a velha máquina. É outro tipo de relacionamento, mais formal e exigente. Mas é fascinante. Agora compreendo o entusiasmo de gente como Millôr Fernandes e Fernando Sabino, que dividem a sua vida profissional em antes dele e depois dele. Sinto falta do papel e da fiel Bic, sempre pronta a inserir entre uma linha e outra a palavra que faltou na hora, e que nele foi substituída por um botão, que, além de mais rápido, jamais nos sujará os dedos, mas acho que estou sucumbindo. Sei que nunca seremos íntimos, mesmo porque ele não ia querer se rebaixar a ser meu amigo, mas retiro tudo o que pensei sobre ele. Claro que você pode concluir que eu só estou querendo agradá-lo, precavidamente, mas juro que é sincero. Quando saí da redação do jornal depois de usar o computador pela primeira vez, cheguei em casa e bati na minha máquina. Sabendo que ela aguentaria sem reclamar, como sempre, a pobrezinha.

Fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/NT14NjQz/> Acesso 21/07/2012.

7.2 – PRODUÇÃO TEXTUAL

O autor, com muito humor, faz uma comparação entre a velha máquina de escrever e o computador. Quem não guarda em casa um aparelho ou outros objetos, hoje, sem utilidade, dotados de tecnologia ultrapassada? Como os avanços tecnológicos são contínuos, objetos cotidianos nos dias atuais poderão ser artigos de museu em tempos futuros.

Escolha um dos quatro objetos mencionados: **caneta**, **telefone fixo**, **agenda de papel** e **jornal escrito**. Elabore um texto de no mínimo 12 e no máximo 16 linhas, manifestando a sua satisfação ou tristeza pela sobrevivência ou desaparecimento desse bem.

Antes pense no gênero discursivo que você vai eleger para compor o seu texto e nas características desse gênero. Pode ser um conto ou uma crônica, um artigo de opinião ou uma carta argumentativa, mas cada gênero tem características próprias.

7.3 – Pesquise e saiba mais sobre os avanços tecnológicos. Cada grupo escolhe uma área da atuação humana como objeto de pesquisa.

- a- No campo da medicina
- b- No campo da agricultura
- c- No campo das comunicações

Depois, eleje um texto dentro os elaborados pelos membros da equipe para ser publicado no blog da turma e, assim, vamos compartilhando conhecimentos e alimentando o nosso blog.

8.1 – LEITURA

A Bola – Luís Fernando Veríssimo

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “Legal”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

- Como é que liga? – perguntou.

- Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

- Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

- Não precisa manual de instrução.

- O que ela faz?

- Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

- O quê?

- Controla, chuta...

- Ah, então é uma bola.

- Claro que é uma bola.

- Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

- Você pensou que fosse o quê?

- Nada, não.

O garoto agradeceu, disse “Legal” de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Ball, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de blip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

- Filho, olha.

O garoto disse “Legal” mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro do couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês para a garotada se interessar.

Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/6855457/Luis-Fernando-Verissimo-A-Bola> Acesso 13/08/2012.

8.2 – ATIVIDADE ORAL DE COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1 – Pelo título, dá para imaginar o assunto da crônica?
- 2 – Que fato gerou o conflito da narrativa?
- 3 – Com que intenção o texto foi produzido?

9.1 – LEITURA

Ela – Luís Fernando Veríssimo

Ainda me lembro do dia em que ela chegou lá em casa. Tão pequenininha! Foi uma festa. Botamos ela num quatinho dos fundos. Nosso Filho – Naquele tempo só tinha o mais velho – ficou maravilhado com ela. Era um custo tirá-lo da frente dela para ir dormir.

Combinamos que ele só poderia ir para o quarto dos fundos depois de fazer todas as lições.

- Certo, certo.

- Eu não ligava muito para ela. Só para ver um futebol ou política. Naquele tempo, tinha política. Minha mulher também não via muito. Um programa humorístico, de vez em quando. Noites Cariocas... Lembra de Noites Cariocas?

- Lembro vagamente. O senhor vai querer mais alguma coisa? E me serve mais um destes. Depois decidimos que ela podia ficar na copa. Aí ela já estava mais crescidinha. Jantávamos com ela ligada, porque tinha um programa que o garoto não queria perder. Capitão Qualquer Coisa. A empregada também gostava de dar uma espiada. José Roberto Kely. Não tinha um José Roberto Kely?

- Não me lembro bem. O senhor não me leva a mal, mas não posso servir mais nada depois deste. Vamos fechar.

- Minha mulher nem sonhava em botar ela na sala. Arruinaria toda a decoração. Nessa época já tinha nascido o nosso segundo filho e ele só ficava quieto, para comer, com ela ligada. Quer dizer, aos pouco ela foi afetando os hábitos da casa. E então surgiu um personagem novo nas nossas casas que iria mudar tudo. Sabe quem foi?

- Quem?

- O Sheik de Agadir. Eu, se quisesse, poderia processar o Sheik de Agadir. Ele arruinou o meu lar.

- Certo. Vai querer a conta?

- Minha mulher se apaixonou pelo Sheik de Agadir. Por causa dele, decidimos que ela poderia ir para a sala de visitas. Desde que ficasse num canto, escondida, e só aparecesse quando estivesse ligada. Nós tínhamos uma vida social intensa. Sempre iam visitas lá em casa. Também saíamos muito. Cinema, Teatro, jantar fora. Eu continuava só vendo futebol e notícia. Mas minha mulher estava sucumbindo depois do Sheik de Agadir, não queria perder nenhuma novela.

- Certo. Aqui está a sua conta. Infelizmente temos que fechar o bar.

- Eu não quero a conta. Quero outra bebida. Só mais uma.

- Está bem... Só mais uma.

- Nosso filho menor, o que nasceu depois do Sheik de Agadir, não saía de frente dela. Foi praticamente criado por ela. É mais apegado à ela do que a própria mãe. Quando a mãe briga com ele, ele corre pra perto dela pra se proteger. Mas onde é que eu estava? Nas novelas. Minha mulher sucumbiu às novelas. Não queria mais sair de casa. Quando chegava visita, ela fazia cara feia. E as crianças, claro só faltavam bater em visita que chegasse em horário nobre. Ninguém mais conversava dentro de casa. Todo mundo de olho grudado nela. E então aconteceu outra coisa fatal. Se arrependimento matasse...

- Termine a sua bebida, por favor. Temos que fechar.

- Foi à copa do mundo. A de 74. Decidi que para as transmissões da copa do mundo ela deveria ser bem maior. E colorida. Foi a minha ruína. Perdemos a copa,

mas ela continua lá, no meio da sala. Gigantesca. É o móvel mais importante da casa. Minha mulher mudou a decoração da casa para combinar com ela. Antigamente ela ficava na copa para acompanhar o jantar. Agora todos jantam na sala para acompanhá-la.

- Aqui está a conta.

- E, então, aconteceu o pior. Foi ontem, hora do Dancin'Days e bateram na porta. Visitas. Ninguém se mexeu. Falei para a empregada abrir a porta, mas ela fez "Shhh!" sem tirar os olhos da novela. Mande os filhos, um por um, abrirem a porta, mas eles nem me responderam. Comecei a me levantar. E então todos pularam em cima de mim. Sentaram no meu peito. Quando comecei a protestar, abafaram o meu rosto com a almofada cor de tijolo que minha mulher comprou para combinar com a maquiagem da Júlia. Só na hora do comercial, consegui recuperar o ar e aí sentenciei, apontando para ela ali, impávida no meio da sala: "Ou ela, ou eu!". O silêncio foi terrível.

- Está bem... mas agora vá para casa que precisamos fechar. Já está quase clareando o dia...

- Mais tarde, depois da Sessão Coruja, quando todos estavam dormindo, entrei na sala, pé ante pé. Com a chave de parafuso na mão. Meu plano era atacá-la por trás, abri-la e retirar uma válvula qualquer. Não iria adiantar muita coisa, eu sei. Eles chamariam um técnico às pressas. Mas era um gesto simbólico. Ela precisava saber quem é que mandava dentro de casa. Precisava saber que alguém não se entregava completamente a ela, que alguém resistia. E, então, quando me preparava para soltar o primeiro parafuso, ouvi a sua voz. "Se tocar em mim você morre". Assim com toda a clareza. "Se tocar em mim você morre". Uma voz feminina, mas autoritária, dura. Tremi. Ela podia estar blefando, mas podia não estar. Agi depressa. Dei um chute no fio, desligando-a da tomada e pulei para longe antes que ela revidasse. Durante alguns minutos, nada aconteceu. Então ela falou outra vez. "Se não me ligar outra vez em um minuto, você vai se arrepender". Eu não tinha alternativa. Conhecia o seu poder. Ela chegara lá em casa pequenininha e aos poucos foi crescendo e tomando conta. Passiva, humilde, obediente. E vencera. Agora chegara a hora da conquista definitiva. Eu era o único empecilho à sua dominação completa. Só esperava o pretexto para me eliminar com um raio catódico. Ainda tentei parlamentar. Pedi que ela poupasse a minha família. Perguntei o que ela queria, afinal. Nada. Só o que ela disse foi "Você tem 30 segundos".

- Muito bem. Mas preciso fechar. Vá para casa.

- Não posso.

- Por quê?

- Ela me proibiu de voltar lá.

Fonte: VERÍSSIMO, Luís Fernando. O nariz. São Paulo: Ática, 2004.

9.2 – VOCABULÁRIO

Sheik de Agadir: novela dos anos 60.

Júlia: personagem da novela Dancin'Days, de 1978/1979, vivida pela atriz Sônia Braga.

Dancin'Days: uma das novelas de maior sucesso, na época.

Catódico: relativo ao cátodo, raios catódicos os elétrons emitidos em movimento rápido pelo cátodo de um tubo em descarga.

9.3 – INTERPRETAÇÃO:

- ✓ O que o título sugere?
- ✓ Ao ler o texto, há uma quebra de expectativa em relação ao título? Explique.
- ✓ Qual é o assunto do texto?
- ✓ Em que contexto histórico brasileiro, o texto foi produzido?
- ✓ Quem é o interlocutor do narrador-personagem?
- ✓ O interlocutor mostra-se disposto a escutá-lo? Explique.
- ✓ Como, no texto, a televisão é retratada?
- ✓ Encontre na crônica os elementos: situação inicial; personagens e suas características; local onde os fatos acontecem.
- ✓ Houve um silêncio quando o narrador-personagem pede a família para que escolha entre ele e a tevê. O que isso pode significar?
- ✓ A crônica é finalizada com a narrativa do fracasso do homem em se livrar do aparelho de TV. Comprove essa afirmativa.
- ✓ O que é mostrado ao leitor através do tom humorístico de Luís Fernando Veríssimo?
- ✓ Após estes questionamentos sugerimos que façam leituras complementares do tema em foco, através de textos oriundos de vários gêneros textuais. Busquemos coletar diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema e, em seguida abrir espaço para discutir o domínio da mídia televisiva sobre nós.

9.4 – PRODUÇÃO DE TEXTO:

1º - Elaborar, individualmente, dois pequenos textos dissertativos:

- a- Um artigo de opinião, mostrando-se favorável ao hábito de ver televisão.
- b- Um artigo de opinião, mostrando-se contrário ao hábito de ver televisão.

2º - Cada autor escolhe um dos seus textos para ser lido por ele perante a classe e publicado no blog da turma. Afinal, os textos são escritos para serem lidos.

10.1 – LEITURA

O Nariz - Luís Fernando Veríssimo

Era um dentista respeitadíssimo. Com seus quarenta e poucos anos, uma filha quase na faculdade. Um homem sério, sóbrio, sem opiniões surpreendentes, mas uma sólida reputação como profissional e cidadão. Um dia, apareceu em casa com um nariz postiço. Passado o susto, a mulher e a filha sorriram com fingida tolerância. Era um daqueles narizes de borracha com óculos de aros pretos, sobrancelhas e bigodes que fazem a pessoa ficar parecida com o Groucho Marx. Mas o nosso dentista não estava imitando o Groucho Marx. Sentou-se à mesa do almoço – sempre almoçava em casa – com a retidão costumeira, quieto e algo distraído. Mas com um nariz postiço.

- O que é isso? – perguntou a mulher depois da salada, sorrindo menos.

- Isso o quê?

- Esse nariz.

- Ah, vi numa vitrina, entrei e comprei.

- Logo você, papai...

Depois do almoço ele foi recostar-se no sofá da sala, como fazia todos os dias. A mulher impacientou-se.

- Tire esse negócio.

- Por quê?

- Brincadeira tem hora.

- Mas isto não é brincadeira.

Sesteou com o nariz de borracha para o alto. Depois de meia hora, levantou-se e dirigiu-se para a porta. A mulher o interpelou:

- Aonde é que você vai?

- Como, aonde é que eu vou? Vou voltar para o consultório.

- Mas com esse nariz?

- Eu não compreendo você – disse ele, olhando-a com censura através dos aros sem lentes. – Se fosse uma gravata nova, você não diria nada. Só porque é um nariz...

- Pense nos vizinhos. Pense nos clientes.

Os clientes, realmente, não compreenderam o nariz de borracha. Deram risadas (“Logo o senhor, doutor...”), fizeram perguntas, mas terminaram a consulta intrigados e saíram do consultório com dúvidas.

- Ele enlouqueceu?

- Não sei – respondia a recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos. – Nunca vi “ele” assim.

Naquela noite, ele tomou seu chuveiro, como fazia sempre antes de dormir. Depois, vestiu o pijama e o nariz postiço e foi se deitar.

- Você vai usar esse nariz na cama? – perguntou a mulher.

- Vou. Aliás, não vou mais tirar esse nariz.

- Mas, por quê?

- Por que não?

Dormiu logo. A mulher passou metade da noite olhando para o nariz de borracha. De madrugada começou a chorar baixinho. Ele enlouquecera. Era isto. Tudo estava acabado. Uma carreira brilhante, uma reputação, um nome, uma família perfeita, tudo trocado por um nariz postiço.

- Papai...
- Sim, minha filha.
- Podemos conversar?
- Claro que podemos.
- É sobre esse nariz...
- O meu nariz outra vez? Mas vocês só pensam nisso?
- Papai, como é que nós não vamos pensar? De uma hora para outra, um homem como você resolve andar de nariz postiço e não quer que ninguém note?
- O nariz é meu e vou continuar a usar.
- Mas, por que, papai? Você não se dá conta de que se transformou no palhaço do prédio? Eu não posso mais encarar os vizinhos, de vergonha. A mamãe não tem mais vida social.
- Não tem porque não quer...
- Como é que ela vai sair na rua com um homem de nariz postiço?
- Mas não sou “um homem”. Sou eu. O marido dela. O seu pai. Continuo o mesmo homem. Um nariz de borracha não faz nenhuma diferença.
- Se não faz nenhuma diferença, então por que usar? - Se não faz diferença, porque não usar?
- Mas, mas...
- Minha filha.
- Chega! Não quero mais conversar. Você não é mais meu pai!

A mulher e a filha saíram de casa. Ele perdeu todos os clientes. A recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos, pediu demissão. Não sabia o que esperar de um homem que usava nariz postiço. Evitava aproximar-se dele. Mandou o pedido de demissão pelo correio. Os amigos mais chegados, numa última tentativa de salvar sua reputação, o convenceram a consultar um psiquiatra.

- Você vai concordar – disse o psiquiatra depois de concluir que não havia nada de errado com ele – que seu comportamento é um pouco estranho...

- Estranho é o comportamento dos outros! – disse ele. – Eu continuo o mesmo. Noventa e dois por cento do meu corpo continua o que era antes. Não mudei a maneira de vestir, nem de pensar, nem de me comportar. Continuo sendo um ótimo dentista, um bom marido, bom pai, contribuinte, sócio do Fluminense, tudo como antes. Mas as pessoas repudiam todo o resto por causa deste nariz. Um simples nariz de borracha. Quer dizer que eu não sou eu, eu sou o meu nariz?

- É... – disse o psiquiatra. – Talvez você tenha razão...

O que é que você acha, leitor? Ele tem razão? Seja como for, não se entregou. Continua a usar nariz postiço. Porque agora não é mais uma questão de nariz. Agora é uma questão de princípios.

Groucho Marx: pseudônimo de Judius Henry Marx (Nova York 02-10-1890 – 19-08-1977). Comediante e ator estadunidense, célebre como um dos mestres do humor. Fez 13 filmes. Apresentador de game shows de rádio e teve. Características: **óculos, charuto, espessos bigodes e sobrancelhas pintados.**

Fonte: VERÍSSIMO, Luís Fernando. O nariz. São Paulo: Ática, 2004.

11 – O texto abre espaço para a discussão de muitos aspectos da vida social atual. Qual aspecto se destaca? De acordo com a crônica lida, para a sociedade o que é mais importante?

12 – Por que o personagem principal foi abandonado por todos?

13 – Qual a intenção do autor nesta crônica, isto é, que mensagem a crônica transmite ao leitor?

14 – Que impressão o final do texto lhe causou?

15 – “Precisa-se de secretária de boa aparência.” Esse anúncio tem relação com a crônica lida? Comente.

16 – Qual a importância da aparência na vida de uma pessoa?

17– Qual fato causou o conflito relatado no texto?

18– O que causa “humor” no texto?

19– No final do texto, o próprio autor faz uma pergunta. Responda-a, usando bons argumentos.

20 – Qual a relação do tema abordado na crônica e o mundo em que vivemos?

21 – A valorização em excesso da **aparência** (o que temos, o que usamos) torna a pessoa materialista e consumista ao extremo, acaba dependente dos modismos, escrava de regimes e cirurgias plásticas (ditadura da beleza social). Não percebe a “beleza interior” que há em cada ser humano, que é a sua “**essência**”. Por que você acha que isso acontece?

22- Localize na crônica:

- ✓ Situação inicial.
- ✓ Complicação.
- ✓ Ações para restabelecer o equilíbrio.
- ✓ Resolução.

10.4 – PESQUISA NA INTERNET: Localize provérbios e pensamentos sobre a valorização da essência, do ser sob o ter.

10.5 – CONFECÇÃO DO PAINEL LITERÁRIO

A Crônica “O Nariz”, de Luís Fernando Veríssimo, apresenta cenas do dia a dia e as retrata com humor e descontração. O cronista mostra-nos que é possível viver com bom humor, mesmo quando a situação evoca o contrário. Ao adotar um

óculos com grande armação preta, charuto e espessos bigodes e sobrancelhas pintadas de preto e um nariz de borracha, o personagem da crônica sofre uma derrota na sua vida amorosa, familiar profissional. Sua presença causa estranhamento e as entrelinhas da crônica sugerem uma sociedade que valoriza mais a APARÊNCIA e o TER do que a ESSÊNCIA e o SER. Vivemos numa sociedade que valoriza o físico ao extremo, conseqüentemente, demonstra a não aceitação do “DIFERENTE” diante das convenções pré-estabelecidas. E o texto proporciona um momento de reflexão sobre questões ligadas à identidade e à diferença.

Após ao processo de leitura e conhecimento da crônica “O Nariz”, os alunos realizarão a leitura de diversas crônicas que abordam temas atuais, polêmicos e assuntos diversificados para confecção de um Painel Literário. Esse trará textos disponibilizados pela docente, ao lado de outros, ofertados pelos estudantes.

11.1 – ATIVIDADES ORAIS

A sala será dividida em grupos. Cada grupo ficará encarregado de trazer textos de vários gêneros e de diferentes suportes (jornais, livros, revistas e internet), que abordem a busca pelo corpo perfeito do ponto de vista da saúde, da vaidade e da escravidão dos ditames da moda. Depois de lidos os textos será aberto espaço para o debate da questão.

11.2 – Antes da participação no debate, todos devem ter clareza dos procedimentos para o debate. Trata-se de um gênero oral formal, com regras interacionais, com estratégias de persuasão, com mediação do professor. Regras para discussão do tema:

- ✓ Procurar, por meio de leituras prévias inteirar-se do tema aparência x essência.
- ✓ Cada grupo deverá ter um relator, que deverá anotar as ideias mais importantes sobre o tema abordado.
- ✓ Durante a discussão, expressar-se com clareza, utilizando uma linguagem mais elaborada e objetiva. Não desviar do assunto.

- ✓ No decorrer da discussão, todos os alunos do grupo têm direito à palavra, desde que mantenham a ordem. Procurar não interromper a sequência das ideias expostas pelos colegas.
- ✓ Quando você discordar de determinadas opiniões, combata as ideias (de forma respeitosa) e não o colega.
- ✓ Não monopolize as atenções .Procure aceitar as ideias e argumentos contrários aos seus, desde que sejam bem fundamentados.

11.3 – APRECIE A MÚSICA: **Apenas um Instrumento** (Reggae) – Vibrações Rasta.

Fonte: <http://youtu.be/zDHsQ8hfmhs> Acesso em 28/09/2012.

Comente os versos:

O nosso corpo é apenas um instrumento. (...)

Porém não esqueça de olhar pra dentro. (...)

O verdadeiro valor tá na essência

Não, não se deixe levar pelas aparências.

11.4 – ASSISTA AO FILME SHREK. Juntos, na escola, assistiremos ao vídeo e voltaremos a nossa atenção para algumas falas do filme.

Fonte: http://youtu.be/OKi-s_vMtWQ Acesso em 30/09/2012.

Para a sociedade, mocinhos de cinema, príncipes e heróis são sinônimos de beleza, uma beleza idealizada. O filme SHREK rompe com esses padrões pré-estabelecidos e apresenta um herói nada convencional. Sua **ESSÊNCIA** supera a **APARÊNCIA**, havendo uma “nova” inversão de valores.

“Todos me julgam antes de me conhecer.”

“Não julgar as pessoas antes de conhecê-las.”

“Você está diferente.” = FEIA.

“Quem poderia amar um ogro feio?”

“Eu deveria esta linda...”

“E viveram *feios* para sempre.” = mas felizes.

11.5 – CURTA O VÍDEO DO YOUTUBE: O Patinho Feio.

Fonte: <http://youtu.be/UleHGh7yOX8> Acesso em 15/10/2012.

O clássico conto aborda o tema da não aceitação do DIFERENTE. Muitos adolescentes sentem-se inseguros quanto a sua APARÊNCIA e rejeitados por se acharem DIFERENTES. A adolescência é um momento de mudança no âmbito biológico, é um período especial de auto conhecimento e descobertas. Quem nunca se sentiu um “Patinho Feio” em algum momento da vida?

11.6 – EXIBIR O VÍDEO LER, de Luís Fernando Veríssimo, do Youtube, na TV pen-drive e explorar o conteúdo oralmente.

<http://youtu.be/jjU9j17vTOY> Acesso em 18/08/2012.

O objetivo desse conjunto de atividades orais é o de ampliar o domínio do assunto e o de oferecer práticas que favoreçam o desenvolvimento da boa dicção, do autocontrole, da clareza na exposição, da adoção de um vocabulário adequado e da empatia entre os membros da turma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

BRASIL Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

FERNANDES, Millôr.L.I.V.R.O.
http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materiais.php?cd_materiais=3689 Acesso em 13/05/2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2005.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999

GERALDI, José Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Dois amigos e um chato**. 2ª ed., São Paulo: Moderna, 2003.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Inferno Nacional**.
<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/s/sergio22.htm> Acesso em 23/07/2012.

SABINO, Fernando. **O homem nu**. <http://pensador.uol.com.br/frase/NjA1OTAY/> Acesso em 05/05/2012.

SCLIAR, Moacyr. **Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar**. Porto Alegre:Newtec., 1995.

SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado infância**. São Paulo: Ática, 1995.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ª ed. Porto Alegre, Ed. Artmed, 1998.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na Escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O Nariz**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2004.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Antes e Depois**.
<http://www.casadobruzo/poesia/1/antes.htm> Acesso em 12/07/2012.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Tecnologia**.
<http://pensador.uol.com.br/frase/NT14NjQz/> Acesso em 21/07/2012.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.